



UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A MONOTONGAÇÃO DE /EI/ EM CONTEXTO FINAL NA VARIEDADE URBANA DE
MOÇAMBIQUE

THAYANNA OHANA MONTE TAMAYO

Rio de Janeiro,

2023

Thayanna Ohana Monte Tamayo

A Monotongação de /ei/ em Contexto Final na Variedade Urbana de Moçambique

Trabalho de conclusão de curso submetido à
Faculdade de Letras da Universidade Federal
do Rio de Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Letras na
habilitação Português / Inglês

Orientadora: Prof.^a Dra. Danielle Kely Gomes

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

M772m Monte Tamayo, Thayanna Ohana
A Monotongação de /ei/ em Contexto Final na
Variedade Urbana de Moçambique / Thayanna Ohana
Monte Tamayo. -- Rio de Janeiro, 2023.
26 f.

Orientador: Danielle Kely Gomes.
Trabalho de conclusão de curso (graduação)
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Inglês,
2023.

1. Ditongo /ei/. 2. Português de Moçambique. 3.
Variedade urbana. I. Gomes, Danielle Kely, orient.
II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que me entendem como ninguém. Agradeço a eles por estarem sempre me aconselhando e acreditando em mim, por me fazerem enxergar a vida de forma serena e responsável. Obrigada por me inspirarem a todo dia dar o meu melhor, tanto na minha vida pessoal quanto profissional. Agradeço por (quase) sempre me apoiarem nas escolhas mais simples e nas mais difíceis, além de darem suporte aos meus sonhos e planos mais mirabolantes. Sou eternamente grata por tanto.

Agradeço à minha vó, Ivonete, que sempre me mimou e deu muito carinho desde sempre. Agradeço pelas conversas, pelos diálogos, pelos cafés da tarde, pelo amor incondicional que sempre teve por mim. Obrigada por me acolher tantas sextas-feiras na sua casa.

Agradeço ao meu vô, Orli, pelos conselhos únicos que me deu durante toda a vida. Ele era o que mais perguntava sobre o progresso desse trabalho e conversava comigo sobre isso, mesmo sem ter familiaridade no meio acadêmico. Espero que se recupere logo, meu querido avô, pois quero compartilhar a grande notícia de que hoje, 15 de Abril de 2023, termino esse trabalho.

Agradeço à minha orientadora, que aceitou orientar a mim, uma procrastinadora quase profissional. Obrigada por ter me acolhido em seu grupo de pesquisa no ano de 2018 e ter me auxiliado muito durante esses anos, principalmente nessa reta final. Obrigada por partilhar tanto conhecimento. Sem você, esse trabalho jamais existiria.

Agradeço às minhas melhores amigas, Marina e Ingrid, que estão junto comigo, há anos, nas maiores derrotas e vitórias da vida. Nesse momento, não é diferente. Obrigada por tudo.

Agradeço aos amigos que fiz na faculdade: Adriano, Carol, Clara, Isabelle, Juliana e Karla. O apoio de vocês foi fundamental durante todos esses semestres. Nos momentos que achava que não ia dar certo, vocês me mostravam que eu estava errada. No fim, sempre dava certo. A graduação foi mais divertida com vocês.

Agradeço à Paloma, que esteve comigo durante esses anos de pesquisa sociolinguística. Todas as tarefas e apresentações foram bem-sucedidas, também, por estarmos juntas. Sempre nos ajudamos e incentivamos. Hoje, o processo chega ao fim.

Agradeço ao Augusto, que chegou no meio dessa jornada, mas se fez presente de todas as formas possíveis.

Por fim, agradeço a todos que não pude mencionar, mas que foram de suma importância para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

A MONOTONGAÇÃO DE /EI/ EM CONTEXTO FINAL NA VARIEDADE URBANA DE MOÇAMBIQUE

Thayanna Ohana Monte Tamayo

Orientadora: Professora Danielle Kely Gomes

Sabe-se que o português de países africanos vem sendo objeto de estudo de alguns pesquisadores, tais quais Silveira (2013) e Passos (2018). Baseando-se na Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV, 1994, 2006 [1972]), este trabalho busca descrever o comportamento variável do ditongo /ei/ em contexto final na variedade do Português falada em Maputo, capital de Moçambique. Uma vez que a variedade moçambicana é caracterizada pela convivência com outras línguas, o objetivo desta pesquisa é observar se o fenômeno da redução do ditongo /ei/ é produtivo e estimulado por restrições de natureza linguística ou extralinguística, além de buscar semelhanças e diferenças entre as variedades brasileira, europeia e são-tomense, traçando um paralelo com o trabalho de Passos (2018). Os dados, tratados estatisticamente pelo programa GoldVarb-X, foram extraídos de uma amostra com 18 entrevistas, realizadas em Maputo, 2016, pertencente ao projeto *Corporaport* (disponível em: <http://corporaport.letas.ufrj.br/projetos/>).

Palavras-chave: Português, Ditongo /ei/, Moçambique; Maputo; Variedade moçambicana; Variação.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. OS DITONGOS EM PORTUGUÊS	07
2.1 A perspectiva de Câmara Jr. (1970)	07
2.2 A perspectiva de modelos mais recentes	08
3. OS DITONGOS EM VARIEDADES AFRICANAS – SÃO TOMÉ	10
4. O PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE	12
5. OBJETIVOS E HIPÓTESES	15
6. DESCRIÇÃO DO CORPUS E METODOLOGIA.....	16
7. RESULTADOS GERAIS.....	18
7.1 Resultados das variáveis estatisticamente relevantes.....	18
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição das Variantes.....	18
Tabela 2 – Contexto Precedente.....	19
Tabela 3 – Contexto Subsequente.....	20
Tabela 4 – Variável sexo.....	20
Tabela 5 – Faixa etária.....	20
Tabela 6 – Relação entre o Português e as línguas locais.....	21
Tabela 7 – Escolaridade.....	21

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição dos falantes em relação à aquisição do Português.....	16
Quadro 2 – As variáveis investigadas.....	17

1. INTRODUÇÃO

A realização variável do ditongo /ei/ na variedade brasileira tem sido analisada por diversos pesquisadores os quais constataram que esse é um fenômeno fortemente condicionado por restrições de natureza linguística, dentre as quais se destaca o *contexto fonológico subsequente ao ditongo* (PAIVA, 1986, 1996, 2004; BISOL, 1989, 1994; GONÇALVES, 1997; LOPES, 2002; PEREIRA, 2004, dentre muitos outros). No entanto, o comportamento da variante /ei/ também é associado a condicionamentos extralinguísticos em outras variedades do Português, como mostram estudos realizados por Silveira (2013) e Passos (2018), autores que estudaram essa variante no Português de São Tomé e Príncipe.

Essa pesquisa possui o mesmo objeto de estudo, porém inserido em uma variedade diferente: a variedade urbana de Moçambique. O objetivo deste trabalho é investigar e descrever o comportamento do ditongo /ei/ em posição final na fala dos cidadãos de Maputo, capital de Moçambique, baseando-se na Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994). Dessa forma, será possível depreender os contextos que favorecem a redução desse ditongo e se eles serão semelhantes aos que foram registrados por Passos (2018).

A partir de um *corpus* composto por dezoito entrevistas com falantes oriundos de Maputo, subdivididos em três faixas etárias e três níveis de escolaridade, foi possível analisar os fatores linguísticos e sociais que favorecem a redução do ditongo /ei/ em contexto final. O presente trabalho investigou os fatores que tornam a monotongação produtiva, traçando uma abordagem semelhante àquela que Passos (2018) realizou em São Tomé, na qual mostrou que a posição final é um contexto produtivo para a redução do ditongo.

O *corpus* previamente mencionado compõe a amostra principal do *Corpus Moçambique*, abrigado no âmbito do *Corporaport – Corpora de variedades do Português em análise* (disponibilizado em <http://corporaport.lettras.ufrj.br>), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. Todos os dados coletados foram analisados com o auxílio do programa *Goldvarb-X*.

Para a consolidar esta pesquisa, é necessário revisar estudos inerentes ao ditongo /ei/ nas perspectivas de Camara Jr. (2011), Bisol (2005) e Collischonn (2005), conforme se apresenta no capítulo 2; analisar e recapitular aspectos importantes tanto da pesquisa de Silveira (2013) quanto da de Passos (2018), elucidadas no capítulo 3, que é seguido pela história do Português de Moçambique no capítulo 4. Por fim, os três últimos capítulos levantam as

hipóteses e os objetivos, a descrição do *corpus* junto da metodologia, e a discussão dos resultados, respectivamente.

2. OS DITONGOS EM PORTUGUÊS

2.1 A perspectiva de Camara Jr.

A fim de compreender o estatuto fonológico do ditongo em Português, faz-se necessário retomar os estudos e as reflexões pioneiras propostas por Camara Jr. (2011).

Segundo o autor, o ditongo ocorre “quando a vogal, em vez de ser o centro da sílaba, fica numa de suas margens, como as consoantes. O resultado é “uma vogal modificada por outra na mesma sílaba e constitui-se o que se chama o ditongo.” (CAMARA JR., 2011, p.46).

Primeiramente, ao estudar a visão do autor, deve-se refletir acerca dos padrões silábicos possíveis em Português e qual acomoda a representação fonológica das semivogais. Em outras palavras, surge a problemática de caracterizá-las ou como vogais ou como consoantes. Isso ocorre porque as vogais altas /i/ e /u/, embora sejam vogais do ponto de vista fonético, possuem o funcionamento semelhante aos da consoante lateral alveolar /l/ e dos arquifonemas /R/, /S/ e /N/ nos ditongos decrescentes, o que pode corroborar a problemática supracitada. Nesse sentido, a classificação entre vogal ou consoante seria uma incógnita para Camara Jr.

Após levantar esse questionamento, o autor opta por considerar essas vogais assilábicas, de fato, como vogais, pois há “a possibilidade de encontrar um /r/ brando depois de um ditongo. Com efeito, esta consoante só existe entre vogais.” (CAMARA JR., 2011, p. 46), conforme ocorre em “feira” ([ˈfɛrɐ]).

Além disso, o pesquisador também analisa a existência dos ditongos na língua portuguesa, avaliando se certas sequências não seriam, afinal, um hiato, constituído por duas vogais silábicas contíguas. Camara Jr. contesta a visão gramatical, já que alguns pares, como pode ser observado em “sai” e “saí”, não são opositivos mínimos porque possuem uma sequência acentual distinta.

A fim de comprovar a existência do ditongo, o autor cataloga onze exemplos em que há a mesma sequência acentual, tais quais “riu” e “rio” (/riu/ e /riU/, respectivamente). Ademais, é importante pontuar que os dados expostos por Camara Jr. são todos ditongos decrescentes – quando a vogal é seguida por uma semivogal, como ocorre em “réu” – uma vez que ele não acredita na existência dos chamados ditongos crescentes – quando a vogal é precedida por uma semivogal, como é observado em “quase”. Por fim, o autor também defende a aplicabilidade dos chamados ditongos nasais, isto é, aqueles os quais são sucedidos pelo arquifonema /N/,

como [ãw], [ũỹ] e [õỹ], que poderiam ser representados graficamente pelas palavras “mão”, “muito” e “põe”, respectivamente.

Inevitavelmente, novos estudos foram surgindo ao passar dos anos. Contudo, raríssimos foram aqueles os quais tiveram as variedades africanas do ditongo como objeto de estudo. Apesar de Camara Jr. realizar uma análise descritiva profunda, não se sabe, ainda, se tais conclusões também podem ser aplicadas no que concerne à variedade de Moçambique, por exemplo, uma vez que o autor se embasou nas variedades brasileira e europeia.

2.2 A perspectiva de modelos mais atuais

No que se refere aos modelos mais atuais para a descrição de aspectos fonológicos, vale retomar as considerações de Bisol (1989) e Collischon (2005) sobre o estatuto fonológico da sílaba e do ditongo. Assim como Camara Jr., Bisol (1989) também descarta a existência dos ditongos crescentes. Além disso, segundo ela, a sílaba funciona “como um objeto multidimensional de sequência de segmentos, cujos constituintes são organizados hierarquicamente.” (BISOL, 1989, p.186). Ainda segundo a própria, é primordial considerar a distinção entre as sílabas leves, que possuem apenas um segmento na rima – o núcleo –, e pesadas, compostas pelo núcleo e pela coda.

A partir estudos referentes ao ditongo, Bisol (1989, p.89) considera que “no Português há duas classes de ditongo: ditongo pesado e ditongo leve.”. Seguindo essa premissa em outras palavras, a autora acredita que eles são, respectivamente, verdadeiros e falsos. Ela afirma que o primeiro ocupa duas posições na camada prosódica, ao passo que o segundo ocupa apenas uma posição, podendo ocorrer ou não na realização da fala. Há a assimilação dos traços das consoantes vibrante simples ou palatais.

Dois exemplos fornecidos pela autora são os de *p[aw]ta* e *p[ey]xe*. O primeiro retrata um ditongo verdadeiro, também intitulado como ditongo fonológico, ou seja, ele não é passível de monotongação na fala e tende a ser preservado. Por outro lado, o segundo exemplo retrata um ditongo falso, também conhecido como ditongo fonético, o que significa que a forma monotongada tende a ser realizada oralmente.

Bisol atestou que o processo de monotongação de [ey], apesar de não ser categórico, está presente no Português brasileiro por conta de fatores estruturais, especialmente quando relacionados aos ditongos fonéticos. A autora analisou contextos favoráveis para esta ocorrência e concluiu que, se uma consoante pós-alveolar – como, por exemplo, [ʒ] ou [ʃ] –

estiver inserida no segmento subsequente ao ditongo, ele será, portanto, mais suscetível ao processo de monotongação. Tal contexto pode ser observado, por exemplo, em termos tais quais “peixe” e “queijo”, comumente realizados como [ˈpeʃi] e [ˈkeʒU]. O mesmo resultado é obtido quando há um tepe, [r], no segmento subsequente, como é observado em palavras tais quais “feira” e “madeira”, faladas como [ˈferɐ] e [maˈderɐ]. Independentemente da perda da semivogal, em ambos os casos, não há a criação de pares mínimos, que são pares de itens os quais apenas um segmento é diferente, como é observado em “pata” e “bata”, e tal distinção leva a diferença de sentido, visto que os fonemas são unidades distintivas de significado. Em outras palavras, Bisol afirma que o sentido da palavra é mantido nos contextos supracitados.

É, porém, importante ressaltar que não é possível haver distinção entre ditongo verdadeiro e falso quando /ei/ está em posição final de vocábulo no Português brasileiro, uma vez que a redução de /ei/ é pouco produtiva nesse contexto. Contudo, o estudo realizado no presente trabalho indica que, em contraste com o Português brasileiro, a redução de /ei/ é um processo produtivo no final de palavra no que concerne à norma urbana de Moçambique.

Uma vez analisadas as perspectivas de Camara Jr. e Bisol, há, por fim, o modelo proposto por Collischonn (2005). No que diz respeito às sílabas do Português, a autora considera que “uma sílaba consiste em um ataque (A) e uma rima (R); a rima por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e coda (Co).” (COLLISCHONN, 2005, p. 92) e ela observa um tipo de ditongo o qual não é alternado com o hiato. Eles são caracterizados pela presença das vogais /a/ e /o/ antecidas por [kw] e [gw], como pode-se observar em [ˈkwaw] e [kwosiˈɛtʃi]. De acordo com a própria autora, “a sequência consoante velar / semivogal posterior é reminiscência do grupo latino [kw]/[gw], do qual a língua revela forte tendência a libertar-se.” (COLLISCHONN, 2005, p.111).

Bem como Camara Jr. (2011), Bisol (1989) e Collischonn (2005) embasaram-se na variedade brasileira. Suas definições são de suma importância para essa pesquisa, uma vez que elas também englobam o assunto principal desse estudo: o ditongo /ei/ na variedade urbana de Moçambique.

3. OS DITONGOS EM VARIEDADES AFRICANAS – O PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ

Sabe-se que, por muito tempo, os estudos de natureza descritiva se concentraram em variedades do Português Brasileiro (PB) e do Português de Portugal (PT). No entanto, isso não significa que não houve autores os quais buscaram investigar variedades do Português no continente africano.

Silveira (2013), por exemplo, foi um dos pioneiros a investigar a realização dos ditongos na variedade São Tomense (PST). O autor levou em conta variáveis dependentes tais quais *classe morfológica do item lexical, posição do ditongo no vocábulo, tonicidade, localização do ditongo na estrutura morfológica da palavra, contexto fonético subsequente e número de sílabas da palavra*; enquanto as independentes foram *idade, escolaridade e sexo*.

O autor constatou que a escolarização se mostrou como um aspecto favorecedor à forma monotongada de /ei/, visto que falantes que possuíam o nível de escolarização mais elevado tendiam a realizar o ditongo em seus discursos, enquanto os que possuíam menos escolaridade mostraram-se mais suscetíveis à monotongação, inclusive em contextos distintos do PST e PB. No que diz respeito a questões de cunho linguístico, Silveira (2013) constatou que a presença de róticos ([r], [r̄], [x]) ou fricativas alveolares ([s], [z]) no contexto seguinte faz com que a forma monotongada seja quase categórica. Por outro lado, ele também encontrou uma divergência marcante, uma vez que o próprio autor afirma que:

“O contexto singular do processo de monotongação do ditongo [ei] diante de [t] foge das explicações atuais sobre possibilidade de monotongação, pois, de acordo com Bisol (2009), as palavras “direito” e “azeite” conteriam um “ditongo verdadeiro” e, portanto, impedido de ser monotongado (...)” (SILVEIRA, 2013, p.87).

Ademais, o ditongo /ei/ na variedade urbana do Português de São Tomé e Príncipe (PST) foi o objeto de estudo de Passos (2018). A autora não só buscou analisar se haveria semelhanças entre as variedades do Brasil e de São Tomé, como também estudou a possibilidade de haver influência do Forro – a língua local com o maior número de falantes – na realização do ditongo.

Passos estabeleceu variáveis de cunho linguístico tradicionais nos estudos inerentes ao PB, tais quais *contexto antecedente, contexto subsequente, tonicidade da sílaba, número de sílabas no vocábulo e a posição no vocábulo*. Além disso, também foram postuladas variáveis extralinguísticas, tais quais *sexo, escolaridade e faixa etária*. Por fim, a autora também levou em conta a *frequência de uso de um crioulo*. Essa última foi determinada a fim de “averiguar se os indivíduos que fazem uso de uma língua crioula apresentam influências dessa língua ao falarem português.” (PASSOS, 2018, p.191).

A pesquisa da autora constatou que a monotongação é, afinal, “(..) um processo produtivo e constitui uma regra variável na comunidade.” (PASSOS, 2018, p. 198). Concluiu-se que as variáveis *nível de escolaridade* e *contexto subsequente* são fatores que favorecem a ocorrência da forma monotongada. Além disso, o *contexto final* também se mostrou como uma variável relevante, tornando passível o processo de monotongação em falantes que utilizam o Forro em alta frequência. Por fim, o estudo realizado pela autora indicou que há convergências entre o PST e o PB no que concerne à monotongação em contexto medial, e divergências no que tange a ela em contexto final, visto que é um processo atípico no PB.

Em ambos os estudos, percebem-se, portanto, tanto convergências quanto divergências entre a variedade de PST quando comparada com o PT e, também, com o PB. Conforme afirma Silveira (2013), os resultados sobre a variável escolaridade retomam estudos realizados por Silva (1997), Araújo (1999) e Lopes (2002), visto que “(...) esses autores também identificaram que, quanto maior o tempo de escolaridade, menor a porcentagem de aplicação da monotongação” (SILVEIRA, 2013, p. 70), e isso também vale para os resultados da pesquisa de Passos (2018), que obteve dados semelhantes relacionados à mesma variável. Ademais, a forma monotongada ser quase categórica quando sucedida por róticos ([r], [r̄], [x]) ou fricativas alveolares ([s], [z]) resulta em “uma harmonia com os estudos de Paiva (1996) e Lopes (2002) para variedades brasileiras de português.” (SILVEIRA, 2013, p.88).

Por fim, de modo semelhante ao que ocorreu nessa pesquisa, Silveira (2013) também obteve resultados que contrastam com os de Bisol (2009). O autor observou que a forma monotongada pode ocorrer mesmo que o ditongo seja seguido por uma oclusiva alveolar surda, como, por exemplo, em leite, que poderia ser realizado como [ˈleti].

Este trabalho busca descrever a redução de /ei/ em contexto final de palavra no cenário de Moçambique e, tal como foi feito no estudo de Passos (2018), observando variáveis de cunho linguístico e social as quais favorecem, ou não, a monotongação. Desta forma, também será possível mapear convergências e divergências entre o Português de Moçambique, o Português Europeu e o do Brasil.

4. O PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

Em Moçambique, o português, língua com estatuto de oficial, convive com aproximadamente 20 línguas autóctones pertencentes à família linguística bantu. Esse cenário é encontrado em outros países do mesmo continente, mas não ocorre em regiões nas quais a língua portuguesa é considerada como oficial. É evidente que a região perpassou por inúmeros fatores históricos até chegar a esta realidade a qual conhecemos.

Sabe-se que o primeiro contato entre Portugueses e Moçambicanos ocorreu em 1498, quando houve a chegada de Vasco da Gama ao território. Contudo, o lugar não foi explorado de imediato, pois, naquele período, os Portugueses buscavam expandir o comércio com a Índia. Somente no início do século 20, a colonização de fato se inicia, e, segundo CHIMBUTANE (2018, p.95), em 1930, houve a primeira tentativa de inserção do Português em ambiente educacional, através da implementação de uma rede de ensino que buscava ampliar os contextos do uso do Português.

Ainda segundo Chimbutane (2018), o novo método subdividia-se em *Ensino Oficial* e *Ensino Rudimentar*. Enquanto o primeiro caracterizava-se por educar uma minoria elitizada a qual futuramente atenderia aos interesses do Estado, o segundo era marcado por ensinar “valores básicos e morais” à população nativa.

Indubitavelmente, estes foram os primeiros fatores que iniciaram o contato entre as línguas portuguesa e africanas no período colonial. Assim como ocorreu com inúmeros outros países que passaram pela mesma etapa, o uso das línguas nativas foi proibido no âmbito acadêmico sob o argumento de que a população aprenderia tanto o Português quanto os seus valores culturais mais precisamente (CHIMBUTANE, 2018, p.96).

Ainda segundo o autor, esse conservadorismo, no entanto, foi abdicado na década de 1960, quando Portugal autorizou o uso das línguas locais para facilitar o aprendizado da língua portuguesa durante o Ensino Primário. Por fim, apesar da influência educacional do novo sistema no período colonial, não houve crescimento considerável dos falantes de Português no país.

Em paralelo ao contexto supracitado, as nações africanas vizinhas começavam a conquistar suas respectivas independências. Isso fez com que Moçambique almejasse a sua própria autonomia como país. Consequentemente, houve uma pressão externa de outros países europeus sobre Portugal, visto que o país tentava ao máximo manter o controle sobre os seus territórios africanos já na década de 1960. Além disso, tal cenário social acarretou na fundação

de “movimentos anticoloniais e grupos nacionalistas, originando a *Frente de Libertação de Moçambique* (FRELIMO) em 1962” (CHIMBUTANE, 2018, p.91).

A luta pela independência foi um fator de suma importância para estabelecer a oficialização da língua portuguesa em Moçambique, visto que a FRELIMO foi responsável por essa medida. Isso ocorreu por conta de o Português ser a língua em comum entre nativos e colonizadores (CHIMBUTANE, 2018, p.98). Portanto, em 1975, ano da independência do país, o grupo nacionalista, além de manter as políticas linguísticas inerentes às línguas africanas e ao Português, também oficializou o idioma sob o viés de que seria a melhor forma de combater os portugueses, pois a língua serviria de intermédio para enfrentar os inimigos. Em contrapartida, não houve providências tomadas acerca das línguas locais

Atualmente, Moçambique possui mais de 800.000 km² de extensão territorial e é dividido em onze províncias, como é ilustrado no mapa a seguir:

Figura 1 - Mapa de Moçambique



Fonte: Wikipedia, 2018

Em cada província, fala-se uma ou mais língua(s) bantu(s) e o Português. Além disso, através da análise de censos populacionais realizados em 1980, 1997 e 2007, é notório que “a percentagem de falantes de Português como L1 quase decuplicou, e os falantes desta língua como L2 passaram a representar perto de 50% da população moçambicana.” (GONÇALVES, p.160). Isso indica, portanto, o decréscimo progressivo que as línguas bantu vêm sofrendo e a importância atribuída à língua portuguesa ao decorrer dos anos.

Ademais, há uma forte diferença no uso do idioma nas áreas urbanas e rurais. Nas primeiras, segundo Pissurno (2018), ele é visto, praticamente, como uma segunda língua, já que a sua exposição é dada em qualquer situação a qual exija comunicação, e muitos indivíduos já usam o próprio idioma em casa, fazendo com que os mais jovens o adquiram como primeira língua. Por outro lado, ainda segundo a autora, na zona rural, tanto jovens quanto idosos tendem a utilizar mais as línguas autóctones, fazendo com que o português seja “utilizado em situações bastante artificiais, especialmente instrucionais, já que a língua alvo só é aprendida em contextos de educação formal (...)” (PISSURNO, 2018, p. 77). A autora ainda afirma que, por essas razões, a língua oficial possui um *status* de língua estrangeira.

Fica claro, por conseguinte, que a língua portuguesa não foi inserida de imediato desde a chegada dos colonizadores tendo em vista que inúmeras tentativas foram feitas em prol da expansão do número de falantes de português ao longo do tempo. Por fim, conclui-se que, apesar de ser concebido como língua oficial, o português ainda deve coexistir com diversas línguas autóctones, especialmente em áreas rurais, o que faz com que cada falante tenha uma relação diferente com a língua.

6. DESCRIÇÃO DO CORPUS E METODOLOGIA

6.1 O Corporaport

Todos os dados desta pesquisa foram extraídos de dezoito inquiridos os quais compõem a amostra principal do Corpus Moçambique, abrigados no âmbito do *Corporaport (Variedades do Português em análise*, sediado na UFRJ e disponível na web – <http://corporaport.letras.ufrj.br>);

O quadro abaixo mostra a distribuição dos informantes de acordo com o estatuto de aquisição do Português:

Quadro 1: Distribuição dos informantes em relação à aquisição do Português

Escolaridade							SEXO
Faixa etária	Nível básico		Nível intermediário		Nível Superior		
	H	M	H	M	H	M	
Faixa A (18 a 35 anos)	L2	L1	L1	L2	L1	L1	ESTATUTO DO PORTUGUÊS
Faixa B (36 a 55 anos)	L2	L2	L1	L2	L1	L1	
Faixa C (55+ anos)	L2	L1	L2	L2	L1	L1	
INFORMANTES	03	03	03	03	03	03	
TOTAL	18						

Fonte: Elaboração da autora

6.2 A Sociolinguística como modelo teórico-metodológico

Considerado como um autor de suma importância para estudos de caráter sociolinguísticos, William Labov foi um dos pioneiros a associar a importância de correlacionar língua e sociedade. O estudioso foi responsável pela criação da Teoria da Variação e Mudança.

Para comprovar essa linha de raciocínio, é válido lembrar que os estudos estruturalistas antecessores aos do pesquisador consideravam a língua como um fenômeno autônomo, desprezando a conexão primordial entre ela e a comunidade de fala. Ademais, as pesquisas

iniciais estabeleciam que “a mudança linguística e a estrutura linguística juntas seriam automaticamente excludentes.” (PACHECO, 2010, p.55). Portanto, tal termo também rompeu com o paradigma daquele período.

A Teoria da Variação e Mudança observa aspectos sociolinguísticos, a estrutura e a evolução da língua em cenários sociais de uma comunidade. Isso porque parte-se do princípio de que uma língua é configurada também pelo contexto social no qual ela está inserida, visto que variáveis tais quais sexo, escolaridade, idade, região e outras, também contribuem com variações linguísticas.

Nesse sentido, infere-se que a língua é repleta de heterogeneidade e os falantes têm a habilidade de lidar com as variantes linguísticas as quais, progressivamente, causam mudanças e estão inseridas em seus círculos sociais (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968).

6.3 Metodologia

Este é um trabalho de cunho sociolinguístico que toma por base os pressupostos metodológicos propostos pela Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Para realizar essa pesquisa, foram utilizados os dezoito inquiridos mencionados anteriormente, a fim de obter uma situação comunicativa real (LABOV, 1972). Todos eles são compostos por gravações de entrevistas em que as pesquisadoras perguntam fatos relacionados ao cotidiano dos indivíduos, possuindo cada arquivo a sua respectiva transcrição de áudio.

Após a escuta das entrevistas, a transcrição fonética de todos os vocábulos em que o ditongo /ei/ estava presente em contexto final foi realizada. Em seguida, os possíveis condicionamentos linguísticos e extralinguísticos da realização do ditongo foram catalogados. Todos os dados foram analisados com o auxílio do *software* Goldvarb-X.

Por fim, foram postuladas doze variáveis, sendo sete de cunho linguístico e cinco extralinguísticos, conforme mostra o quadro a seguir.

Quadro 2 - As variáveis investigadas

LINGUÍSTICAS	SOCIAIS
Contexto precedente ao ditongo	Faixa etária
Contexto subsequente ao ditongo	Escolaridade
Localização do ditongo na estrutura morfológica	Sexo
Dimensão do vocábulo	Estatuto do Português
Classe morfológica	Relação entre o Português e as Línguas locais
Tonicidade da sílaba	

Fonte: Elaboração da autora

De forma semelhante ao que foi trabalhado por Passos (2018), este trabalho busca estudar o processo de monotongação no que se refere à redução de /ei/ em posição final de vocábulo, levando em conta fatores linguísticos e extralinguísticos os quais podem ser relevantes para a (não) ocorrência da forma monotongada.

Primeiro, espera-se que a monotongação de /ei/ na variedade moçambicana seja condicionada por fatores de cunho social, semelhantemente ao que foi constatado por Passos (2018) na variedade são-tomense. A autora mostrou que tanto a *escolaridade* quanto a *frequência de uso de um crioulo* foram fatores intrínsecos ao processo de análise deste estudo. Quanto à *escolaridade*, ela afirma que “(...) há uma maior propensão à monotongação entre os falantes menos escolarizados” (PASSOS, 2018, p. 192); ao passo que, em contexto final, “os resultados demonstraram que o fator *frequência alta* seria o grande favorecedor da queda da semivogal” (PASSOS, 2018, p.197).

Espera-se que o cenário da variedade urbana de Moçambique seja semelhante à de São Tomé e Príncipe, que foi descrita por Passos (2018). Em outras palavras, toma-se como hipótese principal que a forma monotongada em contexto final seja produtiva e alvo de maior estigmatização social no português de Moçambique.

7. RESULTADOS GERAIS

As rodadas reveladas através do programa Goldvarb-X indicaram a seguinte distribuição de variantes em contexto final:

Tabela 1 - Distribuição das Variantes

Variante	Exemplo	Apl/T
[e]	['se]	100 / 560 = 17,9%
[ey]	[vo'ley]	369 / 560 = 65,9%
[əy]	[ʃũ'bəy]	68 / 560 = 12,1%
[ɛ]	[pa'rɛ]	10 / 560 = 1,8%
[ə]	['sə]	13 / 560 = 2,3 %

Fonte: elaboração da autora

É importante ressaltar que as variantes [ɛ] e [ə], também foram registradas, conforme pode ser observado na tabela 1. No entanto, elas não foram computadas na análise estatística por conta da sua baixa produtividade.

Analisando-se os resultados obtidos, nota-se que, conforme as variedades Europeia e Brasileira, a variante [ey], inerente ao ditongo, foi a mais realizada, com o índice de ocorrência de 65,9%. Por outro lado, também houve ocorrência da forma monotongada em contexto final, o que se mostra como um fator diferencial quando comparado com as mesmas. Vale lembrar, porém, que este resultado não se distancia daquele obtido por Passos (2018), uma vez que a autora também constatou a existência da monotongação em contexto final na variedade são-tomense.

Dito isso, portanto, deve-se analisar quais das variáveis postuladas influenciaram na obtenção desse resultado.

7.1 Resultados das variáveis estatisticamente relevantes

O programa Goldvarb-x evidenciou que, das doze variáveis postuladas, seis mostraram-se relevantes para a implementação da variante [e] em posição final de vocábulo. De todas elas, quatro foram de natureza extralinguística – *faixa etária, escolaridade, sexo e relação entre portugueses e línguas locais* – e apenas duas de caráter linguístico – *contexto precedente e*

subsequente. Cada uma delas será analisada separadamente para que haja uma interpretação precisa dos resultados.

Na tabela 2 representada abaixo, apresentam-se os resultados obtidos no que concerne a implementação de [e] seu contexto precedente.

Tabela 2 – Contexto precedente

Contexto Precedente			
Contexto	Exemplo	Apl / T	PR
Ataque Complexo	[kõ'pre]	6 / 12 = 50%	.917
[k]	[fi'ke]	9 / 23 = 39,1%	.608
[t]	[komẽ'te]	10 / 37 = 27%	.663
[b]	[aca'be]	2 / 8 = 25%	.668
[s]	[kome'se']	58 / 312 = 18,6%	.548
[l]	[fa'le]	2 / 10 = 20%	.438
Outros	[tele'moveʃ]	13 / 138 = 9,6%	.280

Fonte: Elaboração da autora

Analisando mais detalhadamente os contextos que favoreceram à realização da forma monotongada em análise, é possível perceber que os ataques complexos os quais antecedem o ditongo tendem a influenciar mais fortemente a concretização de [e], possuindo um peso relativo de .917. Com relação às consoantes oclusivas velares e alveolares surdas, além da bilabial sonora [k], [t] e [b], respectivamente, e à fricativa alveolar surda [s], os resultados mostram que há produtividade da monotongação, mas com menor intensidade quando comparados com o contexto que possui maior peso relativo.

Tabela 3 - Contexto subsequente

Contexto	Exemplo	Apl / T	PR
Pausa	[ne'ge#]	9 / 77 = 11,7%	.269
[j, ʒ]	[vow'te'ʒa]	3 / 10 = 30%	.460
Outros	[kome'se a]	88 / 450 = 19,6%	.544

Fonte: Elaboração da autora

Para além disso, quando a variável *contexto subsequente* foi analisada, constatou-se que pausas e as fricativas alvéolo-palatais [j] e [ʒ] não exerceram tanta influência sobre a forma monotongada quanto outros contextos, bem como mostra a tabela acima.

Tabela 4 - Variável sexo

	Apl / T	PR
Masculino	42 / 170 = 27,4 %	.692
Feminino	58 / 367 = 15,8%	.407

Fonte: Elaboração da autora

Com relação à variável sexo, os resultados mostram que as mulheres tendem a monotongar mais do que os homens, conforme está ilustrado na tabela acima.

Tabela 5 - Faixa etária

Faixa Etária		
	Apl / T	PR
18 a 35 anos	61 / 145 = 42,1%	.830
36 a 55 anos	15 / 197 = 7,6%	.280
Mais de 56 anos	24 / 195 = 12,3%	.444

Fonte: Elaboração da autora

Outra variável investigada foi a *faixa etária*. Os dados apontam que os indivíduos mais jovens tendem a monotongar com muito mais frequência em contexto final do que os indivíduos mais velhos, visto que o peso relativo foi de .830. Esses resultados mostram, portanto, que eles são muito mais receptivos às novas variantes que estão emergindo do que os mais idosos, que, pelo contrário, tendem a ser mais conservadores quanto à realização delas, conforme mostra a Tabela 5.

Tabela 6 - Relação entre o Português e as línguas locais

Contexto	Apl / T	PR
Usa mais o Português do que línguas locais	15 / 135 = 11,1%	.252
Usa tanto o Português quanto línguas locais	57 / 299 = 19,1%	.586
Usa mais línguas locais do que o Português	28 / 103 = 27,2%	.604

Fonte: Elaboração da autora

No que concerne à relação entre o *Português e as línguas locais*, que, diferente dos outros mencionados até agora, possui natureza extralinguística, os dados coletados indicam que o uso de línguas nativas pode influenciar na realização da variante [e].

Através de uma breve análise, pode-se inferir que os indivíduos que utilizam línguas bantu na mesma frequência do Português – ou mais – tendem a ser mais receptivos às formas monotongadas, com peso relativo de .586 e .604, respectivamente.

Por fim, com relação à variável *escolaridade*, os resultados mostraram que aqueles que possuem nível básico ou superior de escolaridade tendem a monotongar mais do que aqueles que possuem um nível de escolaridade intermediário. É uma realidade diferente daquela observada por Passos (2018) em São Tomé e Príncipe, uma vez que a autora constatou que indivíduos menos escolarizados eram mais propensos a utilizar a forma monotongada. A tabela a seguir esquematiza tal descrição:

Tabela 7 – Escolaridade

Escolaridade	Apl / T	PR
Básico	47 / 212 = 22,6%	.583
Intermediário	19 / 200 = 9,5%	.329
Superior	34 / 125 = 27,2%	.638

Fonte: Elaboração da autora

As três últimas variáveis supramencionadas são de ordem social e podem ser, também, explicadas simultaneamente através de um estudo mais detalhado da realidade Moçambicana. Afinal, fatores sociais são provenientes de acontecimentos históricos os quais acarretam determinados resultados. Por exemplo, a norma europeia é a norma de referência para o Português de Moçambique, que é uma variedade a qual está em processo de consolidação, uma vez que o português ainda compete com as línguas autóctones da comunidade.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das hipóteses e análises empreendidas nesta pesquisa, é possível realizar algumas considerações. Ao que concerne às variáveis de caráter linguístico, o *contexto precedente* e o *contexto subsequente* mostraram-se como mais consistentes para a aplicação da regra de monotongação /ei/ na variedade urbana do Português de Moçambique. Além disso percebe-se que as variáveis sociais foram também estatisticamente relevantes para a implementação da variante monotongada, sendo analisadas aquelas inerentes a: *faixa etária*, *sexo*, *relação entre o português e as línguas locais* e *escolaridade*. Esse comportamento é, de fato, semelhante ao que foi observado por Passos (2018) na variedade são-tomense. Também se identificou que o *contexto subsequente* favorece a ocorrência da forma monotongada.

Em outras palavras, o presente estudo indica que a implementação de [e] é um processo que possui características semelhantes às aquelas observadas em São Tomé e Príncipe. No entanto, os resultados em relação à variável *escolaridade* são diferentes dos encontrados pela autora. Enquanto ela observou que falantes pouco escolarizados eram mais propensos à monotongação, esta pesquisa constatou que tanto os menos quanto os mais escolarizados são suscetíveis à implementação de [e]. Portanto, embora haja convergências entre as regiões estudadas, o progresso da evolução da língua pode ser diferente em cada uma delas.

Com relação à hipótese de haver maior estigmatização sobre a forma monotongada em contexto final, não foi possível chegar a um dado preciso, tendo em vista que os falantes com nível superior completo são os que mais favorecem a ocorrência do objeto deste estudo.

Por fim, assim como mostrado na pesquisa inerente à variedade de São Tomé e Príncipe realizada por Passos (2018), a monotongação em contexto final revelou-se produtiva na variedade Moçambicana. Traçando-se um comparativo com as variedades brasileira e europeia, percebe-se uma divergência marcante, uma vez que a não monotongação de [ei] é categórica nesses dois cenários. Conforme dito na seção 2.2, essa produtividade contrasta com a perspectiva de Bisol (1989), que atesta que a ocorrência categórica do ditongo [ei] em posição final de vocábulo.

Mais uma vez, é de suma importância ressaltar que o português moçambicano ainda está sendo consolidado, visto que o país ainda possui uma pluralidade linguística elevadíssima por conta das diversas línguas autóctones presentes e teve políticas educacionais recentes implementadas em prol do aumento dos falantes da língua portuguesa no país. Portanto, ao descrever o português moçambicano, deve-se levar em consideração a sua constante mudança

e variação linguística e lembrar que ele pode, de fato, divergir das outras variedades do português.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual **D.E.L.T.A**, v5, n.2, p. 185 – 224, 1989.

BISOL, L. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A**, v.10, n. especial, p. 123 – 140, 1994.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2019 [1970].

CHIMBUTANE, F. Portuguese and African languages in Mozambique: a sociolinguistic approach. In: ÁLVARES LOPEZ, L.; GONÇALVES, P.; AVELAR, J. (eds). **The portuguese language continuum in Africa and Brazil**. Amsterdam/Philadelfia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 89-110.

CLEMENTS, G.N. The geometry of phonological features. **Phonology Yearbook**. number 2, 1985. p.225-252.

COELHO, I. L. et *alii* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (orgs.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, pp. 99-131.

GONÇALVES, C.A. Ditongos decrescentes: variação & ensino. **Revista de Estudos da Linguagem**, v.6, n.5, p. 159-192, jan/jul 1997.

GONÇALVES, P. O português em África. In: RAPOSO, E. B. P. et *alii* **Gramática do Português**. Vol. I. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2013. p.157-178.

LOPES, R. **A realização variável do ditongo /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Belém: Universidade Federal do Pará, 2002.

MATZENAUER HERNANDORENA, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (org). **Introdução aos estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 11-89.

NESPOR, M; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**: with a new foreword. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

NGUNGA, A; SIMBINE, M.C. **Gramática descritiva da língua Changana**. Maputo: Centro de Estudos Africanos/Universidade Eduardo Mondlane, 2012.

PACHECO, S.C. **Padrões sociolinguísticos da concordância de gênero na baixada Cuiabana**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

PAIVA, M.C. Nova abordagem de velhos fenômenos. **Boletim da Abralín** 15. 1994, p. 262-267.

PAIVA, M. da C. O percurso da monotongação de [ey]: observações no tempo real. In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M.E. (orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003, pp. 31-46.

PASSOS, R. R. O ditongo /ei/ na fala de São Tomé. In: BRANDÃO, S. F. (orgs.). **Dois variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas**. São Paulo: Blucher, 2018, pp. 177-200.

PEREIRA, G. **Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no português falado em Tubarão (SC): estudo de casos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

PISSURNO, Karen Christina da Silva. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural na variedade moçambicana do Português: uma abordagem sociolinguística**. 2017. 213 fls. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2017.

PISSURNO, Karen Christina da Silva. O perfil multilíngue de Moçambique. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (org). **Dois variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas**. São Paulo: Blucher, 2018, p. 75-91.

RIBEIRO, Pe.A. **Dicionário gramatical Changana**. Maputo: Edições Paulinas, 2016.

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H. v. D.; SMITH, N. (orgs.). **The structure of phonological representation**. (part. II). Foris: Dordrecht, 1982. p. 337-383.

SILVEIRA, A. **Ditongos no Português de São Tomé e Príncipe**. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2013.

SITOE, B. **Dicionário Changana-Português**. Maputo: Texto Editores, 2011.

WEIREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.